

parâmetros considerados nesta abordagem, cujos dados podem ser consultados em várias tabelas e gráficos ao longo do capítulo. Preiser-Kapeller acaba por sublinhar o contributo desta abordagem relacional, que permite reconstruir a inserção de um autor no mundo social do seu tempo, bem como o uso e a influência da sua rede de relações. Riehle (pp. 466-501) encerra o volume com um ensaio dedicado à Nova Filologia, entendida primeiro em termos gerais e teóricos, depois aplicada aos estudos bizantinos e, por fim, ao campo mais específico da epistolografia bizantina. Neste último caso, Riehle problematiza os possíveis contributos da Nova Filologia para o trabalho de edição e interpretação textuais. O volume encerra com índices bastante úteis para a consulta do material aqui reunido: após a bibliografia geral, que complementa a bibliografia de cada capítulo individual (pp. 503-511), são apresentados um índice geral (pp. 512-526), um índice de termos gregos (pp. 527-529), o índice de manuscritos (p. 530) e o índice de papiros (p. 531).

Escreve Leonte, no capítulo 8, que a epistolografia bizantina constitui um género proteico, que abrange textos de vários tópicos e dimensões, desde notas muito breves a composições extensas (p. 249). A presente colectânea de ensaios ilustra precisamente a heterogeneidade do género epistolar entre os Bizantinos, bem como esse seu carácter proteico. Os especialistas aqui reunidos, muito longe de esgotarem o âmbito do assunto que desenvolvem, sublinham a necessidade de um maior investimento nestas matérias e abrem caminho para investigações futuras. Nessa medida, este volume não abrange todos os aspectos relativos à prática da escrita epistolar bizantina, nem persegue esse objectivo, como vem anunciado na Introdução onde também se lê que se procurou apresentar um guia ecléctico, que pudesse orientar, suscitar questões e inspirar (p. 21). Esta publicação tem, portanto, o mérito de explorar uma área pouco estudada da literatura bizantina, mas, como fica aqui demonstrado, com potencialidades muito sólidas de investigação.

MATOS, VIOLANTE SARAMAGO (2022). *DE MEMÓRIAS NOS FAZEMOS*. LISBOA: EDIÇÕES ESGOTADAS. 132 PP. ISBN 978-989-9092-25-9

JOAQUIM PINHEIRO\*

Em tom confessional e íntimo, este livro estabelece um diálogo, sobretudo interior, entre filha e pai. Percorrer os 46 pequenos textos, divididos em duas partes (*De memórias nos fazemos* e *E de livros também*), a que se junta, no final, uma pequena parte

intitulada *Empurrões*, é para o leitor um exercício fascinante, pois quase nos sentimos à mesa a participar numa conversa entre filha e pai, com os livros permeio. Para me dedicar sobretudo à primeira parte, realço que na segunda parte (*E de*

\* Universidade da Madeira; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Universidade de Coimbra. <https://orcid.org/0000-0002-5425-9865>.

DOI: <https://doi.org/10.21747/2182-1097/cem15r2>.

*livros também*) os livros em que mergulha (ver texto *Mergulhos*), e que nos convidam para uma imersão, são os seguintes: *O ano da morte de Ricardo Reis*, *Todos os nomes*, *Memorial do Convento*, *O ano de 1993*, *A jançada de pedra*, *A caverna*. No final desta parte, elenca uma série de personagens ou situações que migram de um texto para outro, quase parecendo que Saramago trabalhava ao mesmo tempo nas suas narrativas, o que nos dá uma noção de totalidade. É de salientar um olhar partilhar da A. para as personagens secundárias ou mesmo para pormenores (espaços ou objetos) que a lançam numa viagem de memórias.

Por meio destes textos, Violante Saramago Matos abre-nos, de facto, a possibilidade de conhecer um pouco mais ou de tocar perspetivas do homem e da obra talvez menos notadas. Ao mesmo tempo, os textos têm um valor de narrativa auto/heterobiográfica, entre passado e presente, numa reflexão que o próprio tempo da pandemia ajudou a maturar. A escrita deste livro revela, também, uma natural inclinação para a participação cívica, de intervenção ativa ou de reflexão sobre a existência humana. Eu e os outros. Nós e os outros. Nós e a observação discreta do meio envolvente.

Este exercício de memórias ímpar lega — penso que a Autora tem essa perceção — um documento que os saramaguianos não podem ignorar. O olhar da filha do escritor, pejado de emoção e de autorreflexão, carrega uma experiência pessoal que não nos é indiferente. Somos todos leitores, mas Violante Saramago Matos é, definitivamente, uma leitora diferente. Dessa dimensão singular tem consciência quando escreve: «Não nego que o leio com um olhar diferente, porque estão ali coisas que vivi, que sei, que acompanhei. [...] Está tanta vida.» (p. 47), referindo-se ao livro *As pequenas memórias*.

O binómio parecer-ser é outro *topos* muito presente neste livro; o que somos: um nome ou o que transportamos dentro de nós? O livro *Todos os nomes* ajuda-nos a decifrar esta questão, tal como o *Ensaio sobre a cegueira*, uma obra que também dedica à sua filha e que é o livro de cabeceira de Violante. Mais à frente, explora a ideia de que temos dentro de nós outra pessoa. Chegar a ela é a essência do conhecimento interpessoal, pois somos bem mais do que um nome. De igual modo, os livros têm dentro pessoas que importa compreender no seu contexto.

Um bom exemplo de como realidade e ficção se cruzam é a referência, recorrente, a cães, animais presentes na vida do Autor a partir de certa altura. O cão uivou na morte do dono, tal como o Cão das lágrimas no *Ensaio sobre a lucidez*, quando a dona foi assassinada. Por conseguinte, esse uivo soa a um alerta para nos levantarmos, para nos erguermos perante o desmoronar de valores e princípios.

Um livro de memórias é, quase sempre, uma busca de explicações, causas e motivos para as nossas opções. Assim parece ter sido o caso da opção por escrever para crianças, a partir de *A maior flor do mundo*; de facto, a simplicidade das palavras que dirigimos às crianças esconde uma profundidade muito útil para os adultos; a flor, dedicada ao pai, mantém-se tão viçosa quanto a saudade, nutrida por sonhos que brotam ao ritmo do questionamento interior que continua por responder. A vida sem respostas é complexa, mas pior seria sem perguntas que nos alimentam a caminhada.

Estes fragmentos de memória apresentam, ainda, a figura do Pai educador pelas suas palavras (poucas), pelos livros que oferece e por aquilo que apenas revela de forma quase codificada ou por mensagem subtil a partir da observação: o que pode um espe-

lho fazer por nós? O que projeta ou o que nos pode revelar? Muito e pouco, depende se sabemos interpretar a duplicação. Muitas vezes, como narra, a filha só compreendeu a mensagem passado algum tempo.

Tal como na obra de Saramago, é recorrente nos textos coligidos pela A., sem uma ordem cronológica, o tema da existência humana: quem somos? Como reunir forças para nos levantarmos? *Levantado do Chão*, livro que fica no mundo, como os filhos, dedicado a Violante, é um bom exemplo desse movimento. Um livro muito atual, pois, como Sísifo, continuamos a tentar colocar a pedra no topo da montanha, sem desistir.

Este é um livro feito de vivências que se partilham, de memórias que se mantêm, por direito próprio, reservadas, até porque dos livros ressoam sempre as presenças e as ausências. A A. a elas tem pleno direito, como é natural e como escreve «ainda falámos sobre isto... ficou entre nós até hoje» (p. 23). A morte quebra, cria fluxos nas relações ou intermitências, com intensidades diferenciadas, interrompe conversas que ficaram por concluir, mas nunca nos leva tudo. A vida ou a memória dos que ficam ou dos que vão ficando, refazem-se, quais ondas do mar, num turbilhão de emoções, que nos alimenta o desejo de continuar a refazer. Este título até merece ser reescrito, permita-me a A., para «de memórias nos refazemos», tal é quantidade de vezes que enuncia o voltar a fazer, o repetir, o retornar. Refaz-se entre casas, em Estocolmo ou em Lanzarote. A mesma pessoa, em diferentes espaços, num processo de reconstrução, a lembrar o tema de *O homem duplicado*. Descreve-nos a vida por meio de diversos momentos e espaços: a praia, as casas, a escolha do curso, a vida familiar, a separação, Caxias (1973), Lisboa, Funchal, Lanzarote, Estocolmo, entre outros. Avanços, recuos, muitos refluxos,

a mesma pessoa feita de matéria distinta porque colhe e entrega.

Alguns destes fragmentos de memórias denotam uma complexidade natural: ser filha de um grande, de um escritor que é lido em dezenas de línguas, estudado em muitas universidades e que continua a cativar novos leitores representa uma grande responsabilidade e, sobretudo, uma marca indelével do caminho, nem sempre fácil. Manifesta a A. a sua vontade em ser Violante, mas como autonomizar essa identidade? Como esquecer Saramago ou Matos? Como equilibrar estas naturezas? Nem sempre em paralelo, recorda-se outra fonte de grandeza: a mãe. A que soube estar muitas vezes na retaguarda, nos seus silêncios. Entre literatura e arte, entre palavras e afetos, assim se foi modelando a personalidade da A. Por isso, afirma e enfatiza o plural: sou filha de gente grande. Tudo isto nos leva a uma breve frase de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, em que Saramago escreve: «vivem em nós inúmeros». Esse convívio com a multiplicidade que somos é muitas vezes tenso, não tem fronteiras definidas e cria uma dialética entre o que somos, o que não sabemos que somos e o que os outros pensam que somos.

Entre silêncios preenchidos por conversas intermináveis de palavras que se manifestam por um olhar, há um gesto, um toque. Talvez por isso, por a palavra não ser usada de forma banal, ficaram gravadas algumas frases, como epígrafias que se alojam na memória e que nos exigem descodificação, que perduram em peças de cerâmica. Tal como as palavras, também os espaços geram comoção. Assim sucede nos regressos à Azinhaga. Lá mora um tempo que se quer eterno, tanto na saudade, como na esperança de algo melhor. Ou espaço que gera um ensinamento, como o episódio do rio Almonda que pôs fim a um projeto de namoro.

«Voltar é sentir um coração que sangra» (p. 41), que não cessa de sangrar, mas que se emociona ao sofrer. Neste livro, repete-se este árduo convívio com a ausência ou com o afastamento. Não se escondem as diferenças e as incompreensões, tão profundas que ajudaram a valorizar a reaproximação. Cada um sem desistir de ser o que é, mas a tentar compreender o outro, sem o anular.

Por fim, socorremo-nos novamente do livro *O Ano da Morte de Ricardo Reis*: «um

pai nunca sabe para o que cria uma filha». Não sabemos se Saramago alguma vez imaginou que a filha escrevesse um livro tão confessional e autobiográfico. Se o pudesse ler, acreditamos que o criticaria ao seu estilo, mas certamente que permitiria essa liberdade de expressão e de sentir, o que corre por dentro, entre coragem e sofrimento. Talvez repetisse as breves palavras de 2012: «Em suma, estou contente». E nós, leitores, agradecemos este bordado de palavras!

PULEO, ALICIA H., ED. (2020). *SER FEMINISTAS. PENSAMIENTO Y ACCIÓN*. ILUSTRAÇÕES DE VERÓNICA PERALES. MADRID: EDICIONES CÁTEDRA. (FEMINISMOS 30 AÑOS)

ANNE MARTINA EMONTS\*

O volume *Ser Feministas*, editado por Alicia Puleo, comemora e celebra o trigésimo aniversário da Coleção *Feminismos*, e reúne, em forma de dicionário o trabalho de 43 autores e autoras, um prólogo da editora e 41 entradas. A estética edição de cor violeta foi ilustrada por Verónica Perales, que introduz através dos seus desenhos uma reflexão antropológica a respeito do significado da metáfora-chave dos seus desenhos: o cabelo.

O *continuum* feminista, assim afirma a editora, é salvaguardo pela intenção de pôr à disposição do público de hoje um *corpus* de teoria feminista clássica e, simultaneamente, um *corpus* contemporâneo. Ou seja: para além da apresentação de conceitos consagrados da história dos feminismos, como por exemplo «Androcen-trismo», «Brecha Salarial», «Género» ou

«Violencia contra las Mujeres», devidamente acompanhados por uma breve bibliografia clássica e atualizada, encontram-se entradas que procuram fazer jus aos desenvolvimentos mais recentes dos feminismos: «Brecha digital», «Emergencia climática», «Empoderamento» ou «Mansplaining», igualmente acompanhadas por pistas bibliográficas recentes.

A obra integra também biografias e fotografias dos/das autores/as. Os desenhos de Verónica Perales ultrapassam a propriedade de meras ilustrações: tornam-se — para além de fazerem do contacto com o livro uma experiência estética — um necessário complemento aos pensamentos feministas representados no presente volume.

Dispomos, desta forma, de uma há muito desejada continuação modernizada

\* CECC-UCP Lisboa/UMa.

DOI: <https://doi.org/10.21747/2182-1097/cem15r3>.